

RETRATOS DO BRASIL: *Extração, refino e 'royalties' explicam sete dos dez maiores rendimentos 'per capita' do país*

Municípios mais ricos são movidos a petróleo

Rio tem 5 cidades na lista, mas especialistas alertam que produto gera pouco emprego e tem limitado efeito social

Flávia Oliveira e
Luciana Rodrigues

A extração de petróleo, seu refino e *royalties* são os principais responsáveis pela riqueza nos municípios do Brasil. Na lista das dez maiores rendas *per capita* do país, nada menos do que sete municípios têm alguma atividade ligada ao petróleo e cinco estão no Estado do Rio, que concentra 80% da produção nacional. Especialistas alertam, porém, que a riqueza baseada em petróleo gera pouco emprego, tem limitado efeito social e, acima de tudo, é proveniente de um recurso natural finito.

A cidade brasileira mais rica é São Francisco do Conde, na Bahia, onde a Refinaria de Landulpho Alves, segunda maior do país, garantiu uma renda *per capita* de R\$ 273.140 em 2002. É o equivalente a 36 vezes o rendimento médio do Brasil, que foi de R\$ 7.631 naquele ano.

No Estado do Rio, Quissamã, Carapebus, Rio das Ostras e Búzios entram na lista dos dez maiores. São grandes receptores de *royalties* e têm pequenas populações — a maior delas está em Búzios, com 20.405 habitantes — o que proporciona uma renda maior por pessoa. Rio das Ostras foi a terceira cidade fluminense que mais recebeu *royalties* em 2002, num total de R\$ 75,81 milhões. Foram destinados R\$ 36,86 milhões para Quissamã e R\$ 26,35 milhões para Búzios.

Reservas do Rio só vão durar para mais uma geração

Entretanto, a riqueza gerada pelo petróleo, em muitos casos, não proporcionou maior desenvolvimento social. Em Quissamã, 30% da população estavam abaixo da linha da miséria em 2000, pelos dados do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), que considera miserável todos que ganham menos do que R\$ 115 por mês. Maior PIB *per capita* do Estado do Rio, Quissamã ostenta também a posição nada honrosa de 17º município com maior parcela de pobres, entre as 92 cidades fluminenses.

Duque de Caxias, sétima cidade com maior PIB do país graças a sua refinaria de petróleo, tem mais de um quarto da população (28%) na miséria.

Boa parte da riqueza do petróleo não é apropriada pela população local. As reservas fluminenses têm duração pre-

vista de 25 anos. Daqui a apenas uma geração, essa riqueza estará esgotada — destaca Marcelo Neri, chefe do CPS-FGV.

Por isso, afirma Neri, deve-se aproveitar a riqueza atual para investir em saúde, saneamento e educação e, assim, garantir um crescimento sustentável.

As atividades ligadas ao petróleo são pouco intensivas em mão-de-obra. Segundo estudo do BNDES, cada R\$ 1 milhão de demanda por petróleo cria apenas cinco empregos diretos e 120 indiretos. Na cadeia têxtil, setor que mais emprega, R\$ 1 milhão corresponde a 251 empregos diretos e 132 indiretos.

Cinco maiores concentram 60% do PIB estadual no Rio

Além de São Francisco do Conde (BA) e de quatro municípios fluminenses, engrossam a lista dos maiores PIBs *per capita* outras cidades movidas a petróleo: a gaúcha Triunfo (se de da Petroquímica Triunfo) e a paulista Paulínia, que abriga a maior refinaria do país.

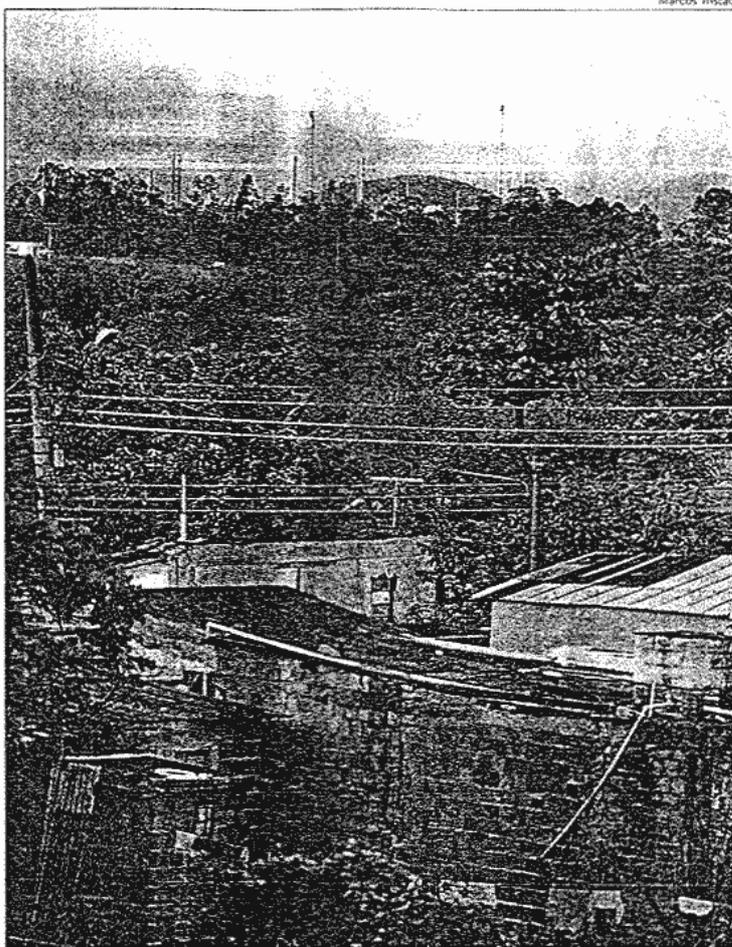
O município fluminense Porto Real é a quarta maior renda *per capita* do país, graças à produção da PSA Peugeot-Citroën e a sua pequena população: 13.343 habitantes.

Entre os grandes e médios municípios, os que cresceram acima da média nacional entre 1999 e 2002 tiveram o petróleo como combustível desse avanço. Foram Macaé, Campos e Duque de Caxias, no Rio, São Francisco do Conde (BA), Camaçari (BA) e Manaus (AM).

Sérgio Besserman, do IPP, lembra que, além de a produção brasileira ter crescido muito nesse período, os preços dispararam. A cotação do petróleo subiu 14%, alcançando US\$ 28,66 por barril em 2002. No ano passado, já estava em US\$ 40,37. A produção nacional cresceu 18% entre 2000 e 2002, chegando a 1,5 milhão de barris diários. Para 2005, a previsão é alcançar 1,7 milhão.

Além do petróleo, o Rio se destaca como um estado com enorme concentração de riqueza. Seus cinco municípios de maior PIB respondem por 60% da produção estadual. É um padrão semelhante ao de estados nordestinos.

— Isso pode ser um reflexo da pequena participação do Rio na agropecuária. Nenhum município fluminense integra a lista dos cem mais relevantes neste setor — diz Besserman. ■



ÀS MARGENS do Rio Sarapuí, favela cresce em Duque de Caxias tendo ao fundo as chaminés da refinaria

Marcos Triscao

Em SC, é o interior que lidera o PIB

Giuliano Ventura

Especial para O GLOBO

FLORIANÓPOLIS. Em apenas um estado brasileiro a capital não tem o maior PIB: Santa Catarina, onde a cidade que lidera a produção de riquezas é Joinville. Os R\$ 5,261 bilhões gerados no município em 2002, quando foram colhidos os dados para a pesquisa do IBGE, corresponderam a 10,15% da economia estadual. O PIB de Florianópolis foi de R\$ 3,329 bilhões.

A chave para entender a situação de exceção é o desenvolvimento de Joinville como pólo industrial metal-mecânico, segundo o professor de economia Hoyedo Lins, da Universidade Federal de Santa Catarina. Para ele, a formação de uma base econômica sólida por décadas, com investimento em mão-de-obra qualificada e inovação tecnológica, deu força ao município.

Fundição Tupy, Tigre e Multibrás (fabricante das marcas Cónsul e Bras-temp) são apenas as mais conhecidas entre as várias indústrias que nasceram em Joinville e se

tornaram líderes nacionais em seus setores — ou até mundiais, como no caso da fabricante de compressores Embraco.

Já em Florianópolis, não foi desenvolvida vocação industrial ou agrícola de expressão. Mas a beleza natural e a tranquilidade viraram um trunfo para a capital catarinense, que passa por um boom imobiliário de construções de alto padrão. Prova do aquecimento dos negócios está no crescimento do PIB de 61% da capital entre 1998 e 2002, registrado pelo IBGE. Foram 19 pontos percentuais acima do registrado em Joinville. ■

